

SUROESTE revista de literaturas ibéricas

N.º 3. BADAJOZ, 2013

suroesterevista@gmail.com

C/ Virgen de Guadalupe, 7

06005 BADAJOZ

Director

ANTONIO SÁEZ DELGADO

Consejo de Redacción

ANTONIO FRANCO DOMÍNGUEZ

LUIS MANUEL GASPAR

GABRIEL MAGALHÃES

JAVIER RODRÍGUEZ MARCOS

Consejo Asesor

ELOÍSA ALVAREZ

FERNANDO PINTO DO AMARAL

JUAN MANUEL BONET

PERFECTO CUADRADO FERNÁNDEZ

MARÍA JESÚS FERNÁNDEZ GARCÍA

ANTÓNIO CÁNDIDO FRANCO

MIGUEL ÁNGEL LAMA

MARTÍN LÓPEZ-VEGA

JOÃO DE MELO

EDUARDO PITTA

ÁLVARO VALVERDE

Ilustraciones

ANA BEZELGA

MARIO ESPLIEGO

Diseño

LUIS COSTILLO

Editan

ROSA MARÍA LENCERO CEREZO

Editora Regional de Extremadura

CONSEJERÍA DE EDUCACIÓN Y CULTURA. GOBIERNO DE EXTREMADURA

CLEMENTE LAPUERTA JORGE

FUNDACIÓN GODOFREDO ORTEGA MUÑOZ

Depósito Legal: BA-612-2013

I.S.B.N. 978-84-9852-287-7

Imprime

TECNIGRAF

SUROESTE CONSIDERARÁ LOS ORIGINALES RECIBIDOS, PERO NO MANTENDRÁ
CORRESPONDENCIA SOBRE ELLOS NI SE COMPROMETE A SU PUBLICACIÓN.



EDITORIA REGIONAL
DE EXTREMADURA

GOBIERNO DE EXTREMADURA
Consejería de Educación y Cultura



FUNDACIÓN
ORTEGA MUÑOZ

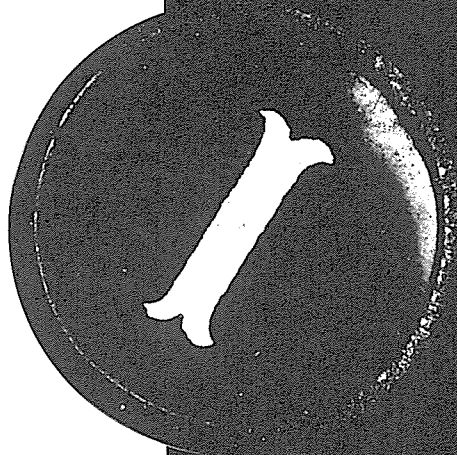
Índice

POESÍA 5

- CARLOS ALCORTA**
Siete poemas 7
- JAVIER ALMUZARA**
Poemas 19
- MÁRIO AVELAR 23**
- A. M. PIRES CABRAL**
Tres poemas 29
- YOLANDA CASTAÑO 33**
- ANTÓNIO CARLOS CORTEZ**
O nome negro. QUATRO POEMAS 39
- GASTÃO CRUZ**
Poemas 43
- RAFAEL FOMBELLIDA 47**
- PATRICIA GONZALO DE JESÚS**
Dos poemas 53
- FERMÍN HERRERO 59**
- PABLO ANTÓN MARÍN ESTRADA**
La que nunca duerme 65
- ANTONIO MORENO 67**
- LORENZO OLIVÁN 75**
- JOSÉ LUIS PIQUERO 85**
- ALBERTO SANTAMARÍA 93**
- ANDRÉS TRAPIELLO**
El ruiseñor en persona 99

NARRATIVA 103

- JESÚS GARCÍA CALDERÓN**
El extraño
1975 105
- LÍDIA JORGE**
Percurso por New Orleans
À BEIRA DE UM RIO CHAMADO MULHER 115
- JOSÉ LUÍS PEIXOTO**
As Rainhas 119
- MARINA PEREZAGUA**
Pfan 123
- MANUEL DA SILVA RAMOS**
Jam session na linha da Beira Baixa 127
- FERNANDO SANMARTÍN**
El destino de la carta 131
- JOAN TODO**
El robatori 135
- MIGUEL VIQUEIRA**
Cómprelo usté, señorito 139



JESÚS AGUADO
 El paisaje en la obra
 de Godofredo Ortega Muñoz
 MÍNIMO DICCIONARIO SUBJETIVO 149

ANTONIO CABRERA
 4 prosas 161

NUNO MATOS DUARTE
 Breves apontamentos a partir da leitura
 do poema *Contramina* de Ruy Ventura 165

ODETE JUBILADO
 Olhares cruzados sobre a cegueira:
 dos *Ensaíos* ao filme 171

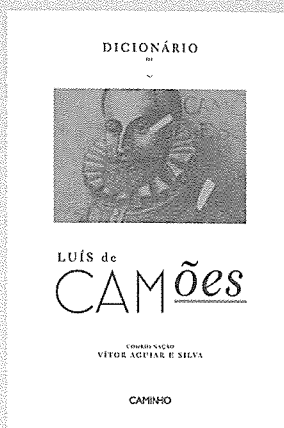
TANIA MARTÍNEZ GALLEGO
 ¿Un lusófilo «de culto» u oculto?
 Antonio Pereira
 en los márgenes del silencio 183

ANTONIO MÉNDEZ RUBIO
 Una comunicación silenciosa 191

Entrevista

CONVERSA COM O POETA E TRADUTOR
JOSÉ BENTO
 Em Portugal ou em Espanha,
 escrever é chorar
 por MIGUEL FILIPE M. 195

MIGUEL FILIPE M.
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO
MIGUEL ÁNGEL LAMA
MARTÍN LÓPEZ-VEGA



Dicionário de Luís de Camões

Coordenação de VÍTOR AGUIAR E SILVA

Lisboa, Editorial Caminho, 2011, págs. 1008.

Comentámos no número anterior desta revista, a propósito da obra de António Telmo, a camonologia de Vitor Aguiar e Silva, apontando-lhe as muitas qualidades e percebendo-lhe as insuficiências, também elas pesadas. O interesse deste estudioso pelos problemas da obra camonina é antigo e vem da época em que se consagrou ao estudo do maneirismo na poesia lírica portuguesa (1971). Dedicou depois disso estudos diversos a aspectos parcelares da obra de Camões, que reuniu em duas colectâneas, *Camões: Labirintos e Fascínios* (1994) e *A Tuba Canora e a Lira Dourada: novos estudos camonianos* (2008). Chegou agora a vez de conceber, coordenar e concretizar a publicação dum *Dicionário de Luís de Camões*, que merece aqui a nossa atenção. Se algum escritor português merece um dicionário esse é, pela vastidão dos problemas que a sua obra suscita, pelo número e pela qualidade dos estudiosos implicados, que tocam quase todas as línguas cultas do mundo, Camões. Esse merecido volume é porém mais imaginal do que sensível. O dicionário imaginado, que tem interesse como bitola ideal, é uma colecção completa, alfabetando de forma exaustiva todos os excursos, todos os pontos, todos os termos, todas as matérias que dizem respeito a Camões ou aos estudiosos dele, enquanto o real é só uma parcela deste todo. O sucesso ou o insucesso dum dicionário dedicado ao épico português medir-se-á todavia pela capacidade de ficar a mais ou a menos distância do termo ideal. Que se passa com o dicionário organizado por Aguiar e Silva? Está ele próximo ou distante do termo ideal e do dicionário que é possível sonhar para Camões? Vamos devagar. Este dicionário, no domínio em que trabalha, é o primeiro a surgir. Só por isso a obra merece uma indulgência, que doutro modo não se justificava. Depois, já sabemos que o camonismo de Aguiar e Silva, temperado nas lides da universidade portuguesa, de que o autor é decano, tem as virtudes e os defeitos dessa instituição. Aguiar e Silva nos seus estudos sobre a obra de Camões deu um avanço notável no conhecimento das fontes, das variantes, das edições e dos predecessores. É pois natural que sob esses aspectos o dicionário se mostre um contributo digno de nota. Ao invés, os estudos de Aguiar e Silva no domínio da hermenêutica simbólica, e até das delicadas relações do texto com os contextos culturais e

civilizacionais da época, com particular atenção à singular situação ibérica da altura, são manifestamente pobres e insuficientes. A sua leitura do episódio da Ilha do Amor (pp. 437-444), mau grado o rigor e a erudição que ostenta, é paradigmática destas limitações. Falta-lhe aí *imaginação* para acompanhar o exercício do Poeta. Era pois de esperar que nestes campos as deficiências do volume saltassem de imediato aos olhos, o que de feito se confirma. É impossível continuar a aceitar leituras da Ilha como prémio da “dilatação da fé cristã e do império lusíada” ou de Baco como simples opositor destes mesmos valores (p. 61). A qualidade do poema, a magnificência da sua construção e a inteligência labiríntica do seu todo merecem da nossa parte saltos hermenêuticos mais ousados e imprevisos. Também no domínio das relações culturais e contextuais o volume se ressentia desta estreiteza de perspectivas. Como conceber um dicionário sobre Camões sem um verbete sobre Inquisição portuguesa e sem outro sobre judaísmo e cristãos-novos? É porém o que sucede neste dicionário. E o verbete de Artur Anselmo, duas magras páginas (261-63), sobre “censura inquisitorial na época de Camões” é de todo insuficiente para cobrir esta riquíssima problemática. Nada disto seria grave como é, se o esoterismo não tivesse já prestado valioso socorro na interpretação do poema, e tal sucede desde o comentário castelhano de Faria e Sousa (1639), que está muito longe de merecer neste dicionário a abordagem que a sua riqueza hermenêutica justificaria, e o judaísmo não tivesse provado já pertinência biográfica no caso do Poeta, silenciado, sem justificação, por Maria Vitalina Leal de Matos no verbete consagrado à biografia dele. (pp. 80-94). É importante que se compreenda numa vez por todas que o modelo de leitura de Camões não pode ser hoje nem o de Teófilo, nem o de José Maria Rodrigues, nem o de Epifânio da Silva Dias, nem mesmo o de Jorge de Sena a ler a canção VII. Importa hoje algo mais – esse que se topa em Jorge Luis Borges a ler Dante, sobretudo o passo do “Castelo” (c. IV, *Inferno*) ou o discurso de Ulisses (c. XXVI, *Inferno*), onde o comentador chega a tocar a viagem de Vasco da Gama, num passo que merecia ser incorporado, se para tanto houvesse consciência da nossa habitual falta dela, na leitura de Camões.